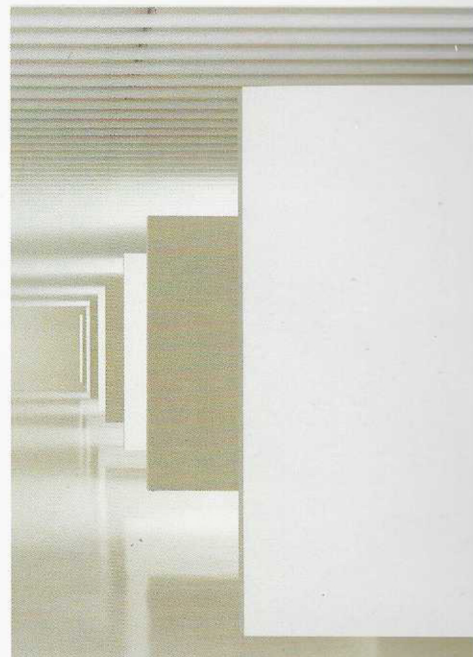
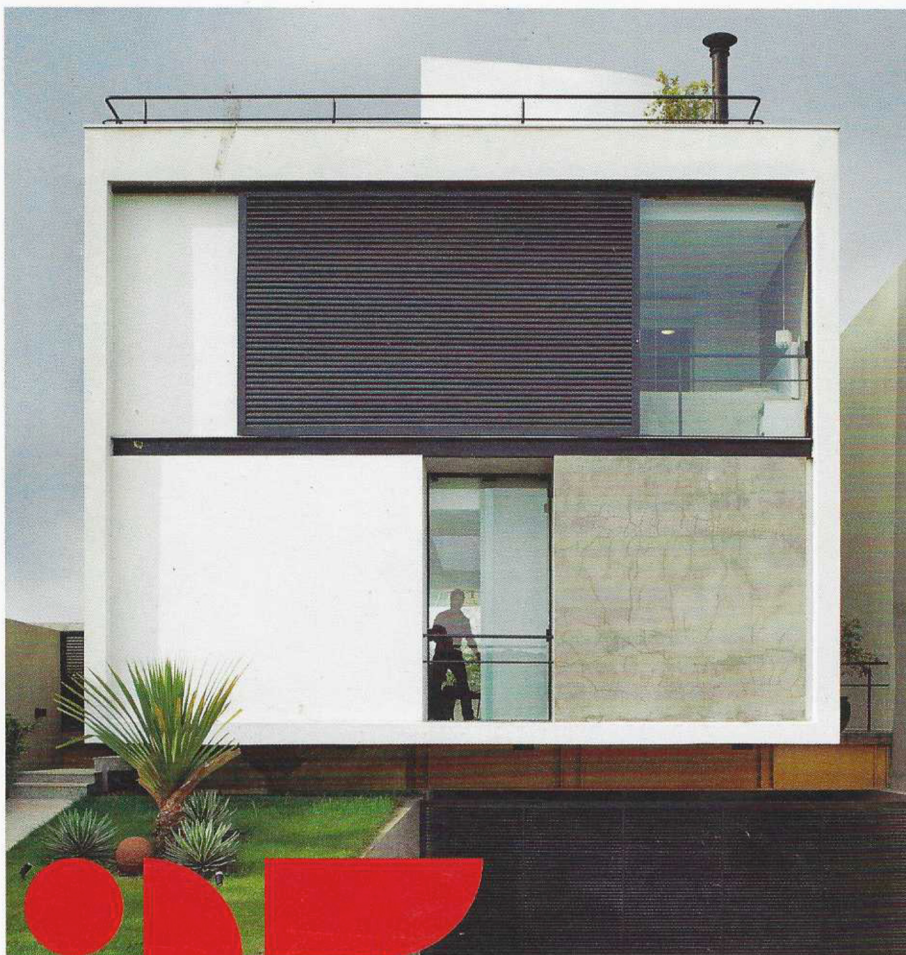


WISH — CASA

CONTEÚDO Fernando Droghetti / Gui Mattos / Johanna Stein Birman /
Camila Klein / Santiago Bebiano / Alfio Lagnado / Sharon Azulay



OUTRO OLHAR

PERSONA A morada de Patricya Travassos

NEWS

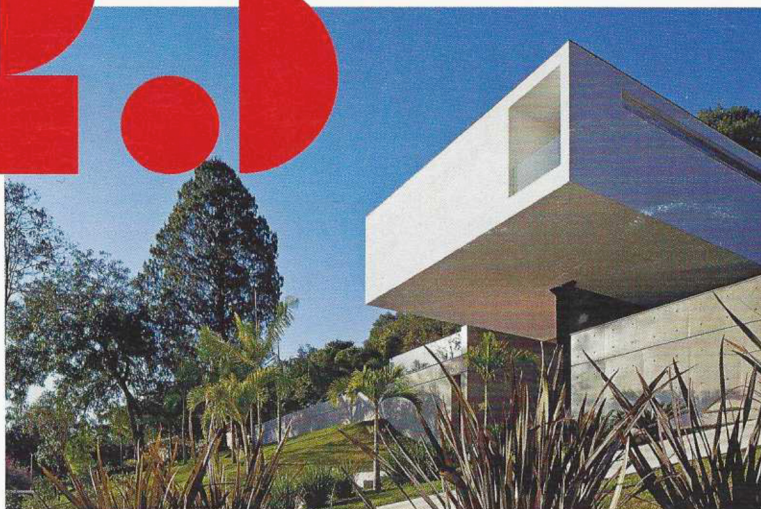
VIAGEM Hotéis boutiques para curtir o verão

ESPECIAL NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA

Os 28 escritórios que mais se destacam

GPS

CITY TOUR Roteiro completo de Búzios



DEZEMBRO 2013 EDIÇÃO 25 WISHCASA.COM.BR

R\$18.00

DA PRANCHA À PRANCHETA

Gui Mattos

Alfio Lagnado

ENTREVISTA

GUI MATTOS CONTA QUE DESDE OS 12 ANOS JÁ DIZIA QUE QUERIA SER ARQUITETO: "AINDA BEM PEQUENO JÁ GOSTAVA MUITO DE DESENHAR, MODELAR, PINTAR, DESMONTAR, FUÇAR". NA INFÂNCIA, FEZ POLO AQUÁTICO E DEPOIS SE DEDICOU AO SURFE. A INSPIRAÇÃO PARA AS CASAS DE PRAIA QUE PROJETA VEIO, EM BOA PARTE, DAS VIAGENS QUE FEZ MUNDO AFORA DURANTE AS COMPETIÇÕES.

O surfe está tão presente em sua vida que *Wish Casa* convidou um amigo seu, Alfio Lagnado, criador da marca Hang Loose, para esta *Grande Angular* com clima de verão. "Fomos desbravadores do virgem Litoral Norte de São Paulo e de ondas de diversos países, como Havaí, Indonésia, Ihas Maldivas etc.", conta Alfio. Leia a entrevista a seguir.

Alfio Lagnado—Por que a arquitetura? O que na sua infância influenciou sua escolha?

Gui Mattos—Ainda bem pequeno já gostava muito de desenhar, modelar, pintar, desmontar, fuçar. Meus pais sempre gostaram de arquitetura e adoravam uma obra com projeto. Até hoje eles gostam. Desde os 12 anos eu falava para eles que queria ser arquiteto. Acho que foi de tanto mudarmos de casa. Transformar materiais sempre me surpreendeu e a arquitetura está diretamente ligada a essa experiência: imaginar, planejar e executar.

AL—Você estudou arquitetura no litoral para estar mais perto do mar e até quase virou surfista profissional...

GM—Sempre gostei muito de esporte, muito mesmo. Não como hobby, mas para competir. Quando entrei na faculdade, em Santos, percebi que seria impossível continuar treinando polo aquático em São Paulo, esporte ao qual me dediquei em toda a infância, todos os dias da semana. Foi aí que mergulhei de cabeça no surfe, focando

minha energia em um novo esporte. Mas eu era muito ruim perto dos outros. Por três anos treinei feito um maluco para recuperar o tempo perdido e entrar em campeonatos. No começo foi um terror, mas aos poucos fui passando umas fases e pegando gosto pela competição novamente. Estou falando do início dos anos 1980. Você, melhor do que ninguém, sabe que o surfe competitivo no Brasil estava engatinhando. Quando terminei a faculdade, dei-me de presente um ano de "surfista profissional", chegando a disputar algumas etapas do circuito mundial.

AL—Quais países e viagens atrás de ondas em lugares exóticos do planeta influenciaram sua arquitetura?

GM—Tive a grande felicidade de viajar muito com meus pais, com o polo aquático e com o surfe, durante aquela época, sempre com um olhar atento também para a arquitetura. Era algo que naturalmente me atraía. Isso criou uma bagagem grande de experimentação de arquitetura, tanto europeia, a qual admiro muito, pela natural diversidade, quanto de países asiáticos, que são mestres na relação com a natureza. Sobre a influência, acho que o real desafio está em se desapegar dessas referências formais e entender o porquê da implantação, da relação com o entorno e de sua funcionalidade, do fluxo, da escala e da resposta dos usuários. Para então desenvolver uma linguagem própria. A arquitetura é muito mais do que apenas a imagem formal.

AL—Para quem convive com a praia, o mar, o sol, as marés, a simplicidade e a serenidade, interagir com a natureza faz parte do dia a dia. De alguma maneira esses elementos fazem parte de seus projetos?

GM—Terminando a faculdade, e apaixonado pelo mar, fui fazer uma casa para Mário Albanese, nosso amigo em comum, lá em Maresias, em 1986. Aí vieram outras e mais outras. Foram nove anos, até voltar para São Paulo. Eu ainda era muito cru, não havia feito um monte de estágios durante a faculdade e

era uma arquitetura muito mais de sentimento. O objetivo era muito mais pensar em como ocupar o terreno, proteger do sol, da chuva e abraçar a natureza. O sentimento eu não abandono nunca, mas a vivência dos muitos projetos edificadas completa, e muito.

AL—Hoje você tem um estilo bem marcante. Foi um caminho perseguido ou ele se desenvolveu naturalmente?

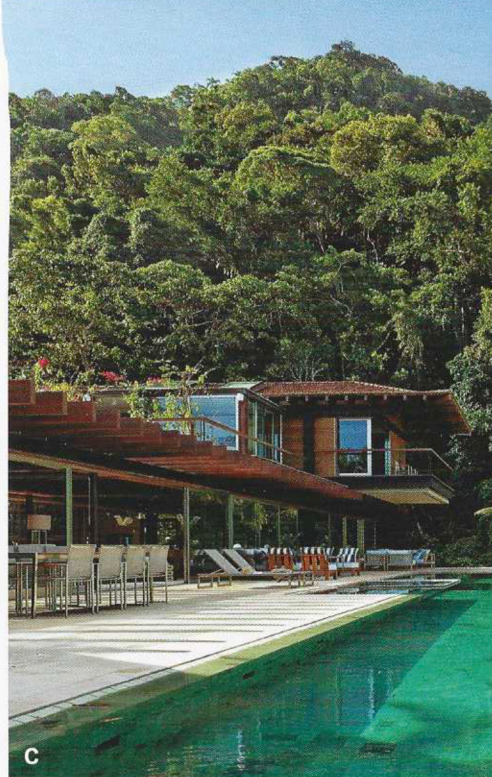
GM—Acho que temos uma produção bem diversificada hoje em dia e isso me atrai. Fazemos casas, condomínios, prédios, lojas, escritórios... Qualquer tema é interessante. O que conta muito é a disposição do cliente em experimentar, em acreditar em nosso processo, nossas perguntas e nossas soluções. Em comum, em todos os projetos, há a preocupação com o entorno, os fluxos, a escala e a procura de uma identidade singular. Não gostamos de repetir soluções. É lógico que existem relações, mas nosso desafio está em achar algo único, forte o suficiente para encantar a nós e nossos clientes.

AL—Em suas casas de praia, quais áreas você mais valoriza?

GM—Uma casa, ou qualquer projeto, é formada por um conjunto de espaços, para as mais diversas funções, que se relacionam direta ou indiretamente. Todos são importantes e precisam funcionar. Não só plasticamente, mas também do ponto de vista da escala, dos materiais, da luz, da acústica, da ventilação etc. Existem sensações mais óbvias, fáceis de se identificar. E existem outras, mais sutis, delicadas. Às vezes estamos em um local e nos sentimos muito bem; muitas vezes, não. Tem algo que incomoda e não sabemos bem o quê. Pode ser a escala inapropriada, a falta de ventilação ou o material. O mais interessante é que cada casa é um caso, refletido pela vontade, pela cultura, pelas referências do cliente com seu arquiteto. Ou seja, temos um campo muito fértil de possibilidades a serem exploradas.

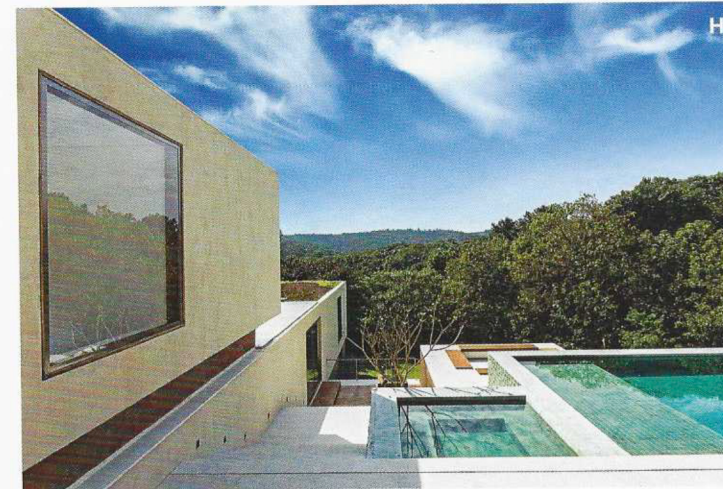
A
MSE Iporanga
Iporanga (SP), 2005

B-C
ANN Laranjeiras
Paraty (RJ), 2008



G
Residência Camburi
Praia de Camburi, São Sebastião (SP), 1988

H-I
EDR Quinta da Baroneza
Quinta da Baroneza (SP), 2004



“Em comum, em todos os projetos, há a preocupação com o entorno, os fluxos, a escala e a procura de uma identidade singular”



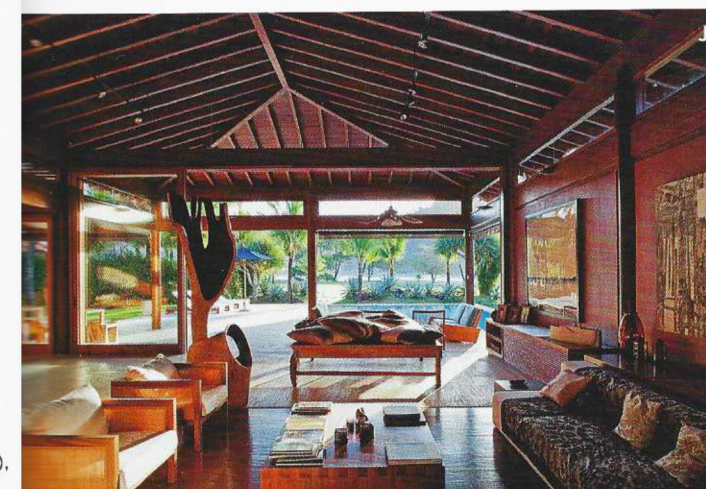
DE DENTRO PARA FORA—Gui Mattos salienta o modo como se prepara antes de desenhar os primeiros croquis: “Geralmente convivo com o projeto antes de desenhar algo. É um processo introspectivo, de sensações, que começa nas primeiras conversas, na visita ao local, quando procuro entender o programa e as restrições”, afirma. “Quando algo bate é que começo a projetar, modelar, experimentar. Essa ideia se dá em qualquer lugar em que eu tenha um pouco de paz e tranquilidade para focar naquelas questões. Pode ser no mar, na piscina ou mesmo no escritório”. Nestas páginas, vemos um pouco da inspiração de Gui em suas belas casas de praia e em outros projetos litorâneos ou no campo.



D
Rancho do Peixe
Jericoacoara (CE), 2003/4

E
Haras Avaré
Avaré (SP), 2006/7

F
LFF House
Fazenda Boa Vista, Ibiúna (SP), 2004/7



J-K
JRDP House
Laranjeiras, Paraty (RJ), 2003

